

Riacho Fundo terá nova sede

A Administração Regional do Riacho Fundo vai ganhar uma nova sede. O local começa a ser reconstruído em dezembro com o uso de uma tecnologia inovadora. A Arquitetura da Terra, que substitui o concreto e a madeira por tijolos de terra e reduz em 40% o custo total da obra. O projeto de construção foi apresentado ontem pelo seu idealizador, o arquiteto Ruy Arini, ao administrador Trajano Jardim, ao secretário de Trabalho, Pedro Celso, e aos funcionários da administração, no salão comunitário da cidade.

“Não conheço tecnologia mais barata”, disse Trajano Jardim. Atualmente o local utilizado pela administração é de madeirite e não possui sequer alvará de funcionamento por causa das péssimas condições. “É um canteiro de obras”, resumiu Trajano. Com a Arquitetura da Terra, o custo da obra de 1.400 metros quadrados será reduzido de R\$ 320 mil para R\$ 200 mil. O trabalho será feito por cerca de 60 trabalhadores da Cooperativa de Trabalhadores Desempregados de Samambaia e do Riacho Fundo.

Segundo o secretário Pedro Celso, na segunda-feira, mais de 200 pessoas começam a participar

do Curso de Tecnologias Apropriadas, oferecido pela Secretaria do Trabalho com o objetivo de profissionalizar os operários desempregados da construção civil. O secretário afirmou ontem que pretende expandir a técnica na construção de casas nos assentamentos. “A iniciativa é pioneira e está comprovado que reduz substancialmente o valor da construção”, disse o secretário.

Segundo Ruy Arini, que também é professor de Arquitetura da USP e pesquisador da disciplina que leciona há 22 anos, o uso dessa tecnologia em Brasília, começando pela administração, será um marco na construção civil do País.

O método de utilização é simples. Depois da terraplenagem, a terra é cavada e peneirada. Para cada volume são misturados 2% de cal e 2% de cimento com um pouco d'água para ficar hidratada. A partir daí, ela é prensada e os tijolos podem ser utilizados depois de dois dias de repouso. O uso do concreto, para ele, está fadado ao esquecimento. “É uma técnica ineficiente que não mantém a temperatura ideal, trinca com o tempo e pode ser cancerígeno, caso do cimento de amianto”, afirma Arini.